

2005/11/22

## MALACA FOI PORTUGUESA DURANTE 130 ANOS

João Brandão Ferreira

“... e perdido o Poder Político tudo o resto será perdido”.  
(frase inscrita numa placa à entrada do Museu de Marinha,  
em Malaca)

Visitámos Malaca à algum tempo. Confessamos que foi com alguma emoção que percorremos os lugares que portugueses antigos e ilustres, calcorreamos, e pisámos as pedras do que resta da Fortaleza, cognominada “A Famosa” mandada erigir pelo grande Afonso de Albuquerque e da Igreja de Santiago onde, durante nove meses, repousou o corpo de S. Francisco Xavier, em 1552, depois da sua morte na China, e antes de ser trasladado para a sua morada final, em Goa, onde ainda hoje repousa.[1]



Malaca, era no princípio do século XVI, a chave da entrada para o Extremo Oriente, já que dominava o estreito do mesmo nome. Cedo se aperceberam os portugueses da sua importância e, logo em 1509, uma delegação Lusa, comandada por Lopes de Sequeira, visitou a cidade a fim de propor termos de comércio. As negociações goraram-se com o governador da praça que era muçulmano, e alguns portugueses ficaram cativos. Aí os foi resgatar o “tirribil” Albuquerque, em 1511.

Não havendo novamente acordo, os cerca de 1400 homens do contingente português tomaram a cidade de assalto, em 10 de Agosto desse ano. Por lá ficámos 130 anos resistindo a todos os ataques que, entretanto, foram intentados pelos nossos inimigos. Até que, em 1641, após prolongado cerco [2], as reduzidas forças nacionais sucumbiram aos holandeses, gente que sempre nos tentou piratear e com os quais já estivemos em guerra durante 80 anos. Não julguem os contemporâneos que estas coisas se apagam com o tempo ou deixaram de ter importância. Basta, aliás, ver a posição da Holanda relativamente a Portugal aquando das operações de soberania em reforço das autoridades locais, realizadas em África, entre 1961 e 1974, e no seu posterior posicionamento após a invasão de Timor-leste pela Indonésia, em 1975.

Os holandeses permaneceram em Malaca até 1824, data em que foram substituídos pelo emergente imperialismo britânico, que tentou destruir a fortaleza portuguesa na sua estratégia para vencer os holandeses (que já tinham destruído todas as igrejas portuguesas, à excepção da referida, na sua sanha persecutória contra o catolicismo).

Os ingleses vieram a ser expulsos, por sua vez, em 1963, data da independência da Malásia, após uma acesa guerra de guerrilha.

Malaca é hoje capital de uma província com cerca de meio milhão de habitantes e a cidade malaia com maior e mais diversidade histórica. O que resta da presença portuguesa em Malaca é pouco, mas faça-se justiça às autoridades actuais que têm preservado o que resta e têm dos factos históricos uma visão equilibrada. Mais espantoso é haver uma pequena comunidade, hoje muito dispersa, de descendentes de portugueses, que mantiveram alguns costumes e um “dialecto” repleto de palavras portuguesas. A força da cultura é de facto insuspeitável!...[3]

Agora o que nunca pensámos que nos podia acontecer é ter que ir a Malaca para poder apreciar e visitar uma réplica à escala verdadeira de uma nau portuguesa do século XVI! E lá está ela, no museu de Marinha a que aludimos. É certo que já temos a réplica de uma caravela, construída por altura da exposição de Sevilha, em 1992, se não estamos em erro; e conseguiu-se ainda esse milagre que foi a reconstrução da fragata D. Fernando e Glória a partir de uns destroços carcomidos, do casco original [4].

Mas que diabo, num país que deve a sua existência ao Mar, que atingiu a sua glória maior nos Oceanos da Terra, cuja Marinha de Guerra se reclama a mais antiga em todo o mundo, convenhamos que não é muito. Mar esse que é hoje em dia, ainda e sobretudo, a chave da nossa liberdade e independência e janela aberta ao desenvolvimento. Apesar de, desde há 30 anos, termos deixado de entender isto.

Daí nos vir à ideia que seria razoável e patriótico que o Museu de Marinha e respectiva Liga de Amigos, conseguissem reunir os apoios necessários (devia ser o governo a incentivar isto, mas enfim ...), para se conseguirem construir réplicas dos principais tipos de navios que equiparam a

Marinha Nacional o que, conjuntamente com o muito espólio que há ainda para tratar e expor, pudessem vir a construir núcleos museológicos noutras partes do país – note-se que, por exemplo, o Porto, sendo a segunda cidade do país e terra de nascimento do Infante D. Henrique não tem um Museu de Marinha, idem para Lagos cuja importância no início da saga marítima foi fundamental! [5].

Do mesmo modo apelamos à Armada para que consiga vir a conservar um submarino da classe Albacora, uma fragata da classe João Belo e um patrulha da classe Cacine e respectiva “palamenta”, com o mesmo fim. O esforço de apoio à conservação dos monumentos que os portugueses construíram pelo mundo, já há alguns anos levada a cabo pela Fundação Gulbenkian e outras entidades, deve ser continuada.

Mas tal deve passar a estar ligado a outros eventos de índole cultural e de reforço da identidade nacional: divulgação nas escolas, complementaridade de acção de outras instituições (por exemplo, Academia de Marinha, Sociedade de Geografia, Academia Portuguesa de História, Sociedade Histórica para a Independência de Portugal, Revista Militar, Fundação Oriente, Academia Portuguesa de Cultura, etc.) e até a criação de uma espécie de “roteiro lusíada do mundo”, que pudesse ser fomentado junto do grande público e “explorado” pelas agências de viagens em termos de turismo.

Em Portugal, salvo melhor opinião, não há “deficit” de democracia, nem de cooperação, nem de intervenção e outras. O que tem havido é uma tremenda falta de autoridade e liderança que nos está a conduzir ao aviso das autoridades malaias e que deveríamos fazer nosso: “... e perdido o Poder Político tudo o resto será perdido”.

[1] Malaca foi elevada a Diocese, em 1558.

[2] O cerco durou cinco meses e os defensores capitularam após se terem esgotado os alimentos, a fortaleza estar em ruínas e não haver esperança de socorro.

[3] No centro da cidade, perto de outro museu, existe uma pedra, que tem o impacto de um pelouro, com as armas nacionais aludindo a Afonso Henriques e à dinastia de Borgonha. Esta lápide foi encontrada nos muros da fortaleza e seria, por certo, uma homenagem dos portugueses do século XVI, ao nosso primeiro rei.

[4] Deve-se este “milagre” ao almirante Andrade e Silva e aos apoios que conseguiu reunir. É bom que se diga que nunca é demais elogiar esta obra notável. Lamentavelmente o navio já está em degradação por não haver dinheiro para fabricos.

[5] Outras cidades do país mereciam ter um Museu de Marinha: Viana do Castelo, Vila do Conde, Figueira da Foz, Setúbal, Funchal e Ponta Delgada. E, sem favor, poderíamos juntar outras.

## **12 TEXTOS RELACIONADOS:**

**2008/01/28**

### **DUALIDADES GEOPOLÍTICAS E GEOESTRATÉGICAS PORTUGUESAS**

*João Brandão Ferreira*

**2007/12/22**

### **ACORDEM PORTUGUESES!**

*João Brandão Ferreira*

**2007/12/16**

### **PARA ALÉM DA GUERRA[1]**

*Sandro Mendonça[2]*

**2007/07/31**

### **IDENTIDADE E INDIVIDUALIDADE NACIONAL PORTUGUESA**

*João Brandão Ferreira*

**2007/06/29**

### **A POLÍTICA EXTERNA PORTUGUESA DURANTE A GUERRA CIVIL DE ESPANHA**

*Hugo Palma*

**2006/11/30**

### **O SERVIÇO DE SAÚDE MILITAR NO PRINCÍPIO DO SÉCULO XXI EM PORTUGAL**

*João Brandão Ferreira*

**2006/06/07**

**A DIPLOMACIA PORTUGUESA DURANTE A REVOLUÇÃO FRANCESA**

*Pedro Carvalho e Fernando Santos*

**2006/01/03**

**CONCEITOS E ESTRATÉGIAS. O FIM DO PORTUGAL DO MINHO A TIMOR**

*João Brandão Ferreira*

**2005/12/14**

**A TESE DO “MARE LIBERUM” (1608) E OS VENTOS DA HISTÓRIA**

*João Brandão Ferreira*

**2005/12/01**

**A QUESTÃO CRISTÓVAM COLOM E A SUA ACTUALIDADE PARA PORTUGAL**

*João Brandão Ferreira*

**2005/11/24**

**A IMPORTÂNCIA DE COMEMORAR MOUZINHO (NO 150.º ANIVERSÁRIO DO SEU NASCIMENTO)**

*João Brandão Ferreira*

**2005/09/24**

**A GEOGRAFIA MILITAR EM PORTUGAL: DO SÉCULO XV AO FUTURO**

*João Vieira Borges*